


Me fode! Me fode! A violência estratégica em Virginie Despentes

Doda Paranhos

RESUMO

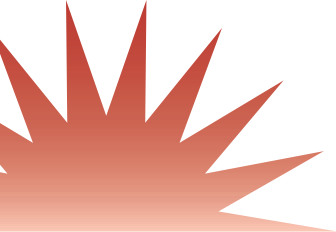
Em mais de um lugar da sua obra, Virginie Despentes (1969) utiliza a violência como estratégia política, inclusive, no livro “Teoria King Kong” (2007). Tendo isso em vista, o presente trabalho busca distinguir algumas formas de violência exploradas pela autora francesa. Além disso, trata também algumas pressuposições e consequências da utilização da violência. Não só a própria utilização da violência, em seus diferentes modos, é algo claramente em disputa, como também a entrada do cinema e pornô multiplica as camadas de complexidade da discussão. Para abordar alguns de seus aspectos, o trabalho propõe a divisão entre violência irrefreável e violência reguladora; de um lado, a violência de não se submeter e romper identidades e, do outro, uma violência que, além de se impor, também formula uma ordenação, entre outras coisas. Por fim, o artigo reconhece a capacidade disruptiva da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: pornografia; violência; resistência.



O momento no qual Virginie Despentes abre um livro e nele encontra uma mulher dizendo ‘Me fode! Me fode! Eu quero que você me foda duas vezes’. Ler esse trecho do livro de Kathy Acker (1947 – 1997) foi uma experiência violenta, de acordo com a autora. Kathy Acker declarou em uma entrevista que o trabalho no ramo sexual teve grande impacto na sua produção textual. Depois disso, ela aumentou a sua consciência política e também percebeu o papel destabilizador da sexualidade. Algo parecido deve ter ocorrido com Karen Lancaume (1973 – 2005), que também passou por diversos tipos de violência. Para escapar delas foi que a atriz Karen Lancaume decidiu abandonar o ramo da indústria pornô, contudo, mesmo depois de estar afastada, decidiu fazer um último filme que também continha cenas de sexo explícito, porque o papel que ela iria interpretar era interessante e por causa do que estava em volta, ou seja, pelo fato da produção e da direção estarem a cargo de outras mulheres, o que representou uma mudança significativa na postura do filme codirigido por Virginie Despentes.

Virginie Despentes não só lidou com os problemas da violência, ao escrever o livro “Baise-moi” (1993), como também dirigiu um filme baseado no livro igualmente chamado “Baise-moi” (2000), que pode ser traduzido por ‘Me fode’, filme que conta com a codireção de Carolin Trihn Thi (1976). Ainda depois, quando o filme estava pronto, Virginie Despentes sentiu a necessidade de elaborar

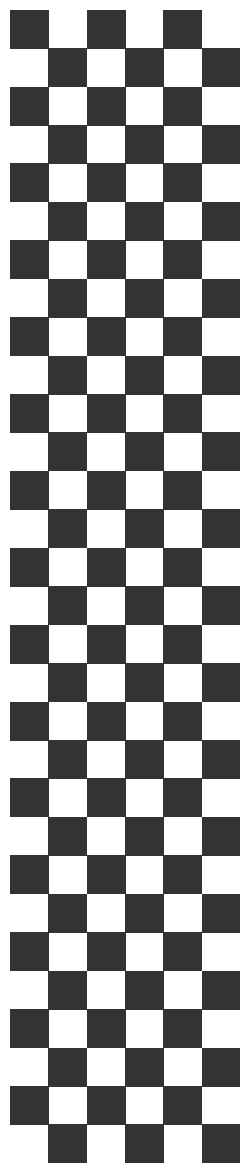


outro discurso e desdobrar a violência anterior no seu livro mais teórico intitulado “Teoria King Kong” (2006). Esse último livro foi lançado depois de um ano do suicídio da atriz Karen Lancaume. A impressão que tenho é que algo ainda precisava ser dito, algo que destoasse dos comentários que diziam que a responsabilidade do suicídio estava única e exclusivamente na pornografia.

No caso de Despentés, sua estratégia política passa por vezes pela subversão da atitude prevista, por isso ela diferencia as boas vítimas e das más vítimas. Uma vítima má pode, por exemplo, saber muito bem os riscos que corre e, mesmo assim, pôr toda estrutura de opressão em voga. Há um pensamento que circula em muitas sociedades que tenta culpar a vítima pelo ocorrido. Ela teria de alguma forma deixado acontecer; e, de vez em quando, pode acontecer a sugestão de que teria sido mais digno ter morrido. Em reação a essa moral, surgiu o feminismo radical que

hastou bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sadomasoquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual.¹

¹ GREGORI, Maria Filomena. *Relações de violência e erotismo*, in: “Olhares feministas.” p. 102



Essas indicações não são exatamente inéditas. É possível ver como Despentés foi influenciada por feministas mais antigas, como a controversa Camille Paglia (1947). Uma de suas polêmicas foi quando avaliou que a cantora Madonna fez as mulheres retrocederem ao se objetificar, crítica que cantora rebateu afirmando: “Dane-se. Eu sou um tipo diferente de feminista. Sou uma feminista má”. Uma outra polêmica de Camille Paglia está na ideia de *undust* (algo como retirar a poeira, conceito utilizado por ela para sugerir que o estupro é algo como uma queda dentro de uma guerra). De qualquer forma, Paglia abriu caminho para que Despentés pensasse em estratégias de recuperação.

Paglia permitia que nos imaginássemos como guerreiras, não tanto responsáveis pessoalmente por algo que havíamos buscado, mas vítimas ordinárias de alguma coisa que se poderia esperar quando se é mulher e se deseja correr o risco de se aventurar do lado de fora. Ela foi a primeira a tirar o estupro do horror absoluto, do não dito, disso que sobretudo não deveria jamais acontecer. Ela fez do estupro uma circunstância política, algo que deveríamos aprender a encarar. Paglia transformava tudo: não se tratava de negar, nem de sucumbir, se tratava de viver com.²

² DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. p. 35.



Segundo proponho, Despentès elogia a violência no seu caráter violento mesmo, não pretende criar uma nova ordem ou impor a violência como legítima. A violência estratégica, como poderia dizer Despentès, é como o punk-rock que ama o conflito, ela não se impõe como necessária. Esse tipo de violência chamaremos aqui de violência irrefreável ou violência inimaginável, tendo em vista que ela muitas vezes nem mesmo procura disfarçar seu caráter violento, o tipo de violência de quem sonha em destruir coisas impossíveis de serem modificadas, além de não propor uma nova regulação. A personagem Valentine de “Apocalypse bébé” explode um edifício de um modo que conhecemos como atentado terrorista, no entanto, a sua justificativa é simplesmente Ela inclusive esconde a bomba na vagina. No livro “Baise-moi” fica evidente como as personagens parecem não seguir um plano:

Não há nenhuma razão para que você nos dê esse plano, não havia nenhuma razão para matar os desagradáveis polícias, nem para tudo que nos metemos. As boas razões não fazem as melhores ações.¹

¹____ DESPENTES, Virginie. *Baise-moi*. p. 180. (tradução da autora).

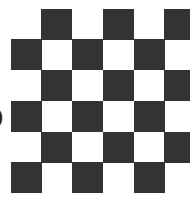


A violência inimaginável operada por Despentès não propõe metas objetivas, também não é meramente reativa. Ela não escreve um livro prescritivo. Até onde vi, não há nenhuma receita. Todavia, em se tratando sobretudo do livro “Teoria King Kong”, fica palpável como a violência reguladora pode passar de modo invisível, ou melhor, sem uma repercussão pública. Na vida de Virginie Despentès, foi importante para ela tomar conhecimento do estupro de uma amiga. Só depois disso, foi possível avaliar o seu próprio. Tendo isso em mente, talvez seja importante pensar as condições de visibilidade das violências. Não é um mero acaso que tenha sido difícil encontrar livros que tratassem o assunto na época, como relata a autora.

A partir desse quadro, uma hipótese é a de que a violência posta em cena por Virginie Despentès é eminentemente narrativa. É sintomático que as personagens de “Baise-moi” comparem o que elas falam com as falas presentes em filmes de ação. Como no seguinte trecho depois de um tiro dado em um personagem:

Isso sacudiu os ombros dele, isso fez um barulho infernal. É menos espetacular que no cinema. A cabeça que explode, ele cai para trás. Não importa como, dirão que ele não a mantém no lugar. Isso não é parecido com o cinema.²

²____ DESPENTES, Virginie. *Baise-moi*. p. 71. (tradução minha).



Falar isso dentro de um livro, pode se dar a entender que o que se passa parece mais real, ou melhor, diferente do se poderia imaginar. O fato de as personagens agirem de forma extremamente violenta supre uma ausência real de personagens femininas agindo violentamente. A violência pode ser pensada levando em consideração a assimetria que as mulheres ocupam no seu uso. Os livros de Despentes parecem reafirmar isso com frequência, como acontece quando a personagem Hyena ameaça violentar um homem que está interrogando¹. A excepcionalidade do caso é acompanhada por outra, que é o remorso depois do ocorrido, porque uma das características frequentes da violência sexual é que todo trabalho psicológico para lidar com o ocorrido fica frequentemente só no lado da vítima, por isso os agressores não reconhecem o que fazem. Mais do que falar sobre a efetividade de casos semelhantes, a autora mostra que a violência não é um comportamento natural e exclusivo dos homens. A violência operada por eles pode inclusive ser alienada dos contextos em que usualmente aparecem. Admito como acertada a leitura de Paul Beatriz Preciado quando afirma que “Baise-moi” consiste em: “duas garotas franco-árabes as quais liquidam um batalhão de brancos (...) terrorismo de gênero, de classe e de raça via intravenosa”² Tendo isso em mente,

1____ DESPENTES, Virginie. *Apocalypse bébé*.

2____ PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie. Sexe, drogue et*

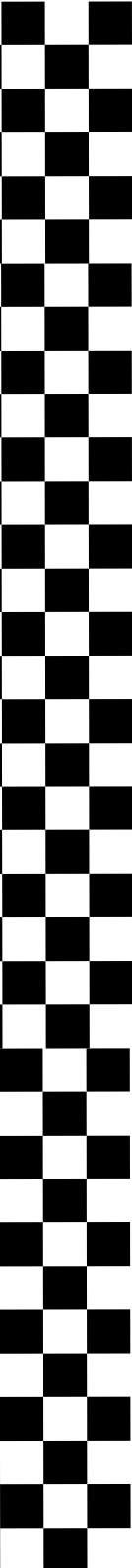
Virginie não só produz uma narrativa com comportamentos desviantes concretos, como, concomitantemente, desorganiza os termos das narrativas de ação. Como pode-se ver no seguinte trecho:

Pelo momento, ela repete com veemência que ela não é uma ‘mulher como essas’. Para Severine, o genérico ‘mulher como essas’ resume corretamente o que há de pior no gênero humano.³

O moralismo que a frase revela é o mesmo que faz a distinção entre santa e puta. Quando a edição americana traduziu “Baise-moi” por “Rape-me”, que significa “estupre-me” em inglês, pareceu com isso ignorar a ambiguidade do texto de Despentes. Essa tradução parece inadequada, ainda que Virginie Despentes trate, em muitos lugares, as questões relacionadas ao tema do estupro, como é notório. E o risco aqui, ao tratar de estupro e ficção ao mesmo tempo, seria desencarná-lo ou torná-lo menos real. Não se trata absolutamente disso, tampouco de deslegitimar os seus relatos. Pelo contrário, a radicalidade de sua proposta é convocar para que se fale neles. O estranho

biopolitique. p. 80.

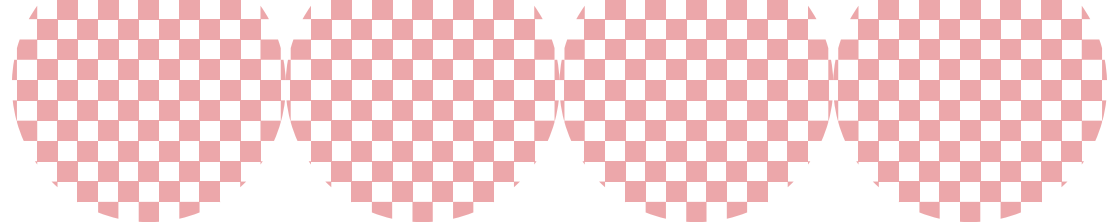
3____ DESPENTES, Virginie. *Baise-moi*. p. 12. (tradução da autora).



para a autora é que os homens quase não falam desse assunto. Segundo a autora, aqueles que cometem os atos mais violentos raramente se veem como culpados, assim, as vítimas frequentemente precisam fazer o esforço de não focar na própria dor. Contudo, em seus livros, as mulheres cometem crimes e agem de forma violenta em muitos casos. Mesmo assim, como vejo, a escritora está entendendo a literatura como um âmbito muito específico. Se esse for o caso, Virginie Despentes realmente fala sobre estupros a partir de um registro narrativo, produz uma narrativa que não pretende corresponder a algo que está fora dela que seria mais real, portanto, ela estaria em um caso limite da narratividade. A questão posta aqui é como Despentes está radicalmente interessada em produzir ficções e, ao mesmo tempo, não produz uma ética, considerando que o tipo de violência mais comum é a instituição de um código.

Porém, nem toda relação de poder é uma relação de dominação, mas isso não significa que não exista nenhum perigo no elogio ao desejo das perspectivas mais recentes.

Essas novas perspectivas criaram, ao evitar cair no determinismo rígido e simplificador do feminismo radical, uma armadilha, quando não um ardil: uma ênfase em uma concepção de prazer cujo significado não foi inteiramente




problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força libertadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. O lado do perigo foi tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer.¹

Virginie Despentes inclusive elogia a rapidez com que o cinema pornô opera ao provocar reações corporais antes mesmo que aquele que o vê possa avaliar intelectualmente se o que produz prazer é ou não ético. Digo isso porque, em se tratando de uma autora que defende a apropriação da indústria do sexo, um caso incontornável é a violência presente em alguns filmes. A situação é tal que se imagina que as mulheres desfrutam de sua posição inferior, caso contrário elas se rebelariam, e esse é pensamento bem característico de um quadro de dominação. Segundo a autora:


Não é tanto a ideia de nossa própria inferioridade que assimilamos; quaisquer que tenham sido as violências dos instrumentos de controle, a história cotidiana nos mostra que os homens não eram naturalmente nem superiores nem tão diferentes das mulheres. É a ideia de que nossa independência é nociva que está em nós até os ossos.²

1____ GREGORI, Maria Filomena. *Relações de violência e erotismo*, in: "Olhares feministas." p.261.

2____ DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. p. 17.

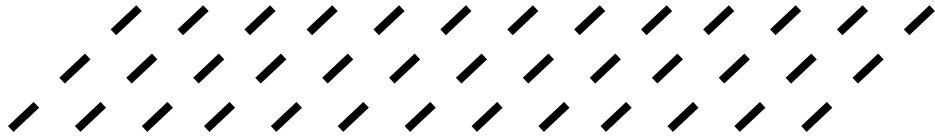


Tendo isso em vista, Virginie Despentes parece não recomendar uma atitude unívoca ou um conjunto reduzido de posturas que seriam resistentes à dominação masculina. O problema é que as estratégias não são elas mesmas boas ou más, como também não é o caso de traçar um plano fora de qualquer contexto. É isso que parece ser indicado no livro “As coisas bonitas” (“Les jolies choses”). O livro conta a história de duas irmãs gêmeas com atitudes bem diferentes. Quando criança, Pauline possui uma habilidade maior para falar com os adultos e se sai melhor na escola, enquanto a irmã Claudine fica nervosa e está sempre falando coisas inapropriadas e não entende muito bem o que acontece à sua volta. O pai violento é uma figura de autoridade. Ele claramente prefere uma irmã em relação a outra, contudo a sua preferência muda quando ele retorna, depois de abandonar a família por alguns anos, as filhas se tornaram adolescentes, a irmã que era mais desajeitada passa a adotar uma feminilidade autorizada e coerente, aprende também algumas frases prontas que a acompanharam até a vida adulta, enquanto a irmã Pauline se recusa a agir assim e anda constantemente com roupas largas e o cabelo despenteados enquanto se dedica a ter aulas de canto. Alguns anos depois, diz-se que Pauline é capaz de fazer coisas bonitas com a voz muito embora não tenha nenhuma vontade de se apresentar diante um público e até mesmo de sair de casa. Para resolver essa situação, a irmã Claudine assume seu lugar e canta em playback, assumindo assim a voz da irmã.



No entanto, essa configuração dura pouco. Claudine morre em condições misteriosas semelhantes a um suicídio. Agora é Pauline que resolve assumir o lugar da irmã e a casa bagunçada dela. Nesse processo, ela descobre que a feminilidade pode ser inventada, mas não somente. O seu namorado, sem saber da morte da irmã, vai visitá-la e começa uma relação sexual com bastante indícios de não ser a primeira vez, ou seja, ele não reconhece a namorada e acha que está fazendo sexo com a irmã. No fim das contas, ele trai a namorada com ela mesma. Essa confusão identitária é bem comum em uma figura conhecida na literatura como o “duplo” (em alemão chama-se “Doppelgänger”).

Ao conciliar e confundir aspectos que estavam presentes nela e na irmã, descobrimos que um dos motivos de Pauline não se comportar como a irmã antes era porque achava que tinha que se dar o valor. Como indica Despentes, a mulher de respeito está geralmente longe do sexo por prazer. Contudo descobrir depois que a outra irmã, Claudine atuou em um filme pornô provoca um grande escândalo, muito embora isso não a impeça de alcançar um sucesso relevante depois. No fim do livro, ela avalia que não compensa ter que lidar com os comentários desagradáveis feitos pelos homens, em sua maioria, e planeja uma viagem.



Por fim, como é possível que a autora simultaneamente critique as situações que envolvem o estupro e defenda um tipo de pornô mais “hardcore”? Como essas duas violências são diferentes? A resposta da autora é bem pessoal e política. De um lado, o seu estupro tinha muito a ver com o medo de morrer. Bem distante disso, estão os filmes pornográficos, que se identificam muito mais com a encenação e a fantasia, e talvez por isso faça pouco sentido exigir realidade de um filme pornô. O mesmo argumento parece estar no livro “As cachorras sábias” (“Les chiennes savantes”, 2001), quando um trabalhadora de um “peep show” reclama que não consegue fazer o tipo de voz que a maioria dos homens gostaria de ouvir ou quando uma personagem é perguntada sobre quais dos seus clientes parecem ser perigosos. Ela não sabe responder muito bem e acaba por concluir que os conheceu em um contexto muito específico, muito embora autoras como Monique Wittig (1935 - 2003) estejam bem cientes da argumentação que separa fantasia e realidade. Segundo ela, o que os especialistas em semiótica não consideram é que “esse discurso é realidade para nós, uma das facetas da nossa opressão. Eles acham que estamos confusas no nível de análise.”¹

No livro “As cachorras sábias”, nome que faz referência a uma passagem na qual um personagem afirma que, por ter vivido como uma cachorra, deveria morrer como uma, em condições degradantes. Ao negar esse destino, a autora indica que é possível ser uma cachorra sabia se reapropriando da ex-

¹ WITTIG, Monique. *The Straight Mind*. p. 53. (tradução minha).

pressão pejorativa, assim, cachorra passa a significar viver uma vida de acordo com seu desejo sexual. Do mesmo modo que faz Paul Beatriz Preciado (1970) para descrever Despentes:

Uma voz de adolescente punk de quem aprendeu a falar através um programa de produção de gênero para *biohomens*, um cérebro aristocrata de um Louvre futurista alocado dentro de um corpo de puta, uma inteligência de prêmio Nobel encarnada em uma cadela de rua. Um milagre biopolítico: a evidência de que novas recombinações genético-políticas e literárias são possíveis.²

Por fim, diante do que foi exposto, espero ter podido expressar um pouco da minha própria interpretação que estive ao ler os livros dessa autora. Percebi, nesse meio tempo, que Virginie Despentes produziu um outro tipo de violência, uma violência crítica e destrutiva das normas dos gêneros. A partir disso, pude almejar eu mesmo me colocar ao lado desse discurso. Seu senso de urgência acaba por evidenciar que o engajamento político é importante e, ao mesmo tempo, difícil de ser realizado.

² PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie. Sexe, drogue et biopolitique*. p. 218. (tradução minha)

REFERÊNCIAS

- DESPENTES, Virginie. *Apocalypse bébé*. Paris: Bernard Grasset, 2010.
- DESPENTES, Virginie. *Baise-moi*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1999.
- DESPENTES, Virginie. *King Kong Théorie*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2006.
- DESPENTES, Virginie. *Les Chiennes savantes*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2001.
- DESPENTES, Virginie. *Les Jolies Choses*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1998.
- DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1, 2016.
- LEBRUN, Gérard. *Passeios ao léu*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PISCITELLI, Adriana e MELO, Hildete Pereira e etc (org.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da educação, Unesco, 2009.
- MUEL-DREYFUS, Francine. *Vichy et l'éternel féminin. Contribution à une sociologie politique de l'ordre des corps*. Paris: Éditions du seuil, 1996.
- MCCAFFERY, Larry, e KATHY Acker. An Interview with Kathy Acker. *Mississippi Review*, vol. 20, no. 1. (1991) pp. 83–97.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie. Sexe, drogue et biopolitique*. Paris: J'ai lu, 2014.

